

**APARECIDA: UMA LEITURA
MISSIONÁRIA DO DOCUMENTO**
(Aparecida: a Reading Missionary of the Document)

Pe. Rafael Lopez Villasenor*
Mestre em Ciências da Religião (PUC-SP)
Doutorando em Ciências Sociais (PUC-SP)
rafamx@uol.com.br

Resumo

O trabalho tem como objeto analisar o discurso missionário no documento final de Aparecida, visando a preocupação com a missão e a conseqüente busca de diálogo frente ao pluralismo religioso do continente. A questão central que tentamos responder: como o discurso do documento se posiciona diante do pluralismo religioso? Que interpretação podemos dar aos discursos da missão no documento? A hipótese central é que a missão é o eixo central do documento de Aparecida. As posições missionárias, mediadas pelos discursos, variam de acordo com as posturas teológicas. No artigo analisamos os textos do documento que apresentam os alicerces para um projeto de Igreja missionária e libertadora.

Palavras-chave: Discurso. Missão. Diálogo. Pluralismo.

Abstract

This paper aims at analyzing the missionary discourse in the final document of Aparecida, in order to concern about the mission and the consequent search for dialogue outside the religious pluralism of the continent. The central question we try to answer: how does the discourse of the document is positioned in front of religious pluralism? What interpretation can we give speeches in the mission document? The central hypothesis is that the mission is the central document of Aparecida. The missionary position, mediated by the speeches, varies according to the theological positions. As we review the text of the document have the foundations for a project of the Church missionary and liberating.

Keywords: Discourse. Mission. Dialogue and Pluralism.

Introdução

A V Conferência Episcopal, realizada em Aparecida do Norte (SP) de 13 a 31 de Maio de 2007, coloca-se na continuidade das conferências anteriores, Rio de Janeiro (1955), Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992). Os bispos reunidos na V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe tiveram como objetivo principal fazer que toda a Igreja forme os seus membros como discípulos e missionários de Cristo. Discípulo e missionário são duas palavras diferentes, mas intrinsecamente com o mesmo sentido. Ninguém pode ser discípulo sem ser missionário nem ser missionário sem ser discípulo.

1. Missão e busca dos católicos afastados

O Documento final apresenta a exigência *compromisso missionário de toda a comunidade. Ela sai ao encontro dos afastados, interessa-se por sua situação, a fim de reencantá-los com a Igreja e convidá-los a novamente se envolverem com ela* (Documento de Aparecida, 2007, n. 226). Ir ao encontro dos católicos afastados, que não professam a fé, pois estes seriam os mais vulneráveis ao proselitismo pentecostal. Por esse motivo *faz-se necessário reabilitar a autêntica apologética que faziam os pais da Igreja como explicação da fé* (Documento de Aparecida, 2007, n. 229). Apologética é a defesa argumentativa da fé comprovada pela razão e não como confronto. Seria o esforço do discurso de esclarecimento e defesa dos dogmas e princípios católicos perante os diversos credos e Igrejas, na América Latina, um método usado como arma defensiva por setores conservadores diante do avanço do pentecostalismo e do pluralismo religioso.

Aparecida faz o esforço da recuperação da identidade católica, da reconquista dos católicos afastados, convoca toda a Igreja a uma retomada do dever missionário, do mandato de anunciar o Evangelho por meio da *grande missão continental* para que cada cristão se comprometa a ser discípulo e missionário (Documento de Aparecida, 2007, n. 362). O documento fala de uma Igreja em estado permanente de missão (Documento de Aparecida, 2007, n. 144). De um afã e anúncio missionários passando de pessoa a pessoa, de casa em casa, de comunidade a comunidade, porque o povo pobre das periferias urbanas ou do campo necessita sentir a proximidade da Igreja (Documento de Aparecida, 2007, n. 550).

Na América Latina e no Caribe, [...] encontramos-nos diante do desafio de revitalizar nosso modo de ser católico e nossas opções pessoais pelo Senhor, para que a fé cristã se estabeleça mais profundamente no coração das pessoas e dos povos latino-americanos; como acontecimento fundante e encontro vivificante com Cristo, manifestado como novidade de vida e de missão de todas as dimensões da existência pessoal e social. Isto requer, a partir de nossa identidade católica, uma evangelização muito mais missionária, em diálogo com todos os cristãos e a serviço de todos os homens. Do contrário, 'o rico tesouro do Continente Americano... Seu patrimônio mais valioso: a fé no Deus de amor...' Corre o risco de seguir desgastando-se e diluindo-se de maneira crescente em diversos setores da população... (Documento de Aparecida, 2007, n. 13).

O projeto de Igreja instituição que aparece apresenta uma proposta missionária *ad intra*, (para dentro de si mesma) preocupada com a reconquista dos católicos afastados, com uma identidade própria para que as pessoas não migrem para as Igrejas pentecostais nos diferentes países do continente Latino-americano. A solução apresentada é revitalização do catolicismo, mas não a estrutura eclesial (Documento de Aparecida, 2007, n. 13). Segundo os dados apresentados dos diversos organismos de pesquisa, o número dos católicos diminuiu na última década no continente como nunca antes na história, uma vez que se multiplicam as comunidades pentecostais e as seitas.

Também aumentaram a indiferença e a descrença religiosa no Continente Latino Americano, no qual durante mais de quatro séculos o catolicismo foi hegemônico, identificado com a cultura popular.

2. A missão e as sementes do verbo

O Documento de Aparecida apresenta uma teologia cristocêntrica que acentua a união do discípulo com o Mestre, mas que desvincula a pessoa de Cristo do Reino de Deus, que é apenas mencionado, de passagem, como *anúncio* ou como incluindo a promoção humana. Trata-se da justiça social, da dignidade humana, da opção preferencial pelos pobres e excluídos, de uma renovada pastoral social e de uma globalização da solidariedade (MIRANDA, 2007, n. 844-845). O discurso teológico inclusivista coloca como centro de toda missão a figura de Cristo.

Os bispos reunidos em Aparecida retomam a teologia clássica dos Padres da Igreja das *sementes do Verbo*, reconhecendo o dramático encontro entre os povos nativos e o Evangelho.

O Evangelho chegou a nossas terras em meio a um dramático e desigual encontro de povos e culturas. As 'sementes do Verbo', presentes nas culturas autóctones, facilitaram a nossos irmãos indígenas encontrarem no Evangelho respostas vitais às suas aspirações mais profundas: 'Cristo era o Salvador que esperavam silenciosamente'. A visitação de Nossa Senhora de Guadalupe foi acontecimento decisivo para o anúncio e reconhecimento de seu Filho, pedagogia e sinal de inculturação da fé, manifestação e renovado ímpeto missionário de propagação do Evangelho. (Documento de Aparecida, 2007, n. 4).

As sementes do Verbo seriam as que prepararam o terreno para a chegada do Evangelho através dos valores já presentes nas diversas culturas e na vida dos povos do Continente.

As *sementes do Verbo* presentes nas tradições e culturas dos povos indígenas da América Latina são apreciadas como um dado positivo. O sentido comunitário pela vida, na *existência cotidiana e na milenária experiência religiosa, que dinamiza suas culturas, e que chega a sua plenitude na revelação do verdadeiro rosto de Deus por Jesus Cristo* (Documento de Aparecida, 2007, n. 529). São consideradas sinais dessas *sementes* a partir da perspectiva da fé, *estes valores e convicções são frutos de 'sementes do Verbo', que já estavam presentes e operavam em seus antepassados* (Documento de Aparecida, 2007, n. 92). São valores presentes na cultura: a justiça, a fraternidade, a vida comunitária, entre outros.

3. A missão e as paróquias

O texto insiste na índole missionária de todo cristão. Na América Latina, ser batizado nem sempre significa ser cristão. Por isso, o documento visa sair ao encontro das pessoas, para *partilhar o dom do encontro com Cristo*. Superando a passividade, ocorre *proclamar que o mal e a morte não têm a última palavra*. Todos devem ser *testemunhas e missionários* (Documento de Aparecida, 2007, n. 548). Ser discípulo e missionário significa ir até os afastados, a começar pelos párocos e sacerdotes. *A primeira exigência é que o pároco seja um autêntico discípulo de Jesus Cristo [...] mas ao mesmo tempo, deve ser um ardoroso missionário que vive o constante desejo de buscar os afastados e não se contenta com a simples administração* (Documento de Aparecida, 2007, n. 201). Através das pequenas comunidades, poder-se-ia também conseguir chegar *aos afastados, aos indiferentes e aos que alimentam descontentamento ou ressentimento em relação à Igreja* (Documento de Aparecida, 2007, n. 310). Não se propõe que a Paróquia chegue só a sujeitos afastados e não praticantes, mas à vida de todas as famílias, para fortalecer sua dimensão missionária.

Os membros da família devem ser autênticos discípulos missionários, assim, *uma família se faz evangelizadora de muitas outras famílias e do ambiente em que ela vive* (Documento de Aparecida, 2007, n. 204). Para isso, todos são convidados a *ser novamente evangelizadores* e a estar *conscientes de nossa responsabilidade* pelos que estão afastados (Documento de Aparecida, 2007, n. 549), para que voltem a se aproximar de Cristo e da Igreja. O objetivo é motivar os cristãos praticantes para irem buscar os cristãos não praticantes e afastados da igreja. Pois, discipulado e missão são como os dois lados de uma mesma moeda; *quando o discípulo está enamorado de Cristo, não pode deixar de anunciar ao mundo que só Ele salva* (Documento de Aparecida, 2007, n. 146). A renovação da paróquia exige nova atitude dos párocos, que devem viver num constante anseio de buscar os católicos afastados e não se contentar com a simples administração (Documento de Aparecida, 2007, n. 201). *A V Conferência Geral é uma oportunidade para que todas nossas paróquias se tornem missionárias* (Documento de Aparecida, 2007, n. 73). De fato, *todos os membros da comunidade paroquial são responsáveis pela evangelização de homens e mulheres em cada ambiente* (Documento de Aparecida, 2007, n. 171). Mas, a estrutura paroquial em si mesma não é missionária, mas burocrática e administrativa, voltada para si mesma.

No discurso do documento, as paróquias devem ser missionárias, *reformular suas estruturas para que sejam uma rede de comunidades e grupos, capazes de se articularem conseguindo que seu membros se sintam e sejam, realmente, em comunhão, discípulos e missionários de Jesus Cristo*. A partir da paróquia é necessário anunciar Jesus Cristo (Documento de Aparecida, 2007, n. 172). Para mudar o conceito de paróquia burocrática e administrativa, é necessário haver uma mudança total, estar atenta às várias necessidades das pessoas, dentro e fora, procurando ajudar a todos de todas as maneiras possíveis, sendo formada como comunidade de comunidades.

Nesta organização, todos os batizados são a Igreja e a missão da Igreja é a missão dos leigos. Por isso procuram influenciar e transformar a realidade econômica, política, social com espírito cristão. Só será uma paróquia missionária se for organizada a partir dos leigos formados para fazer frente aos desafios da atual sociedade, entrando no mundo complexo do trabalho, da cultura, das ciências e das artes, da política, dos meios de comunicação e da economia, enfim em contextos nos quais tornam presente a Igreja (Documento de Aparecida, 2007, n. 210).

4. A missão ad-gentes

Impõe-se o discurso da *missão evangelizadora* que mobilize a todos (Documento de Aparecida, 2007, n. 550) e que deve se concretizar numa *missão continental*¹, procurando colocar a Igreja em estado permanente de missão, que não termina nunca, cujas linhas fundamentais foram destacadas nesse despertar missionário dentro da Conferência (Documento de Aparecida, 2007, n. 551). A missão continental permanente lançada na Conferência de Aparecida é a missão *Ad Gentes*, que significa universal, indo além da própria cultura e país. Também é missão *Inter Gentes*, que significa missão local, na própria cultura, procurando os católicos afastados. Essa missão teria um início, mas, ao ser permanente não teria término, seria constante.

A sociedade ferida pelas tensões provocadas pelas injustiças e pelas enormes desigualdades sociais, econômicas e culturais dos povos da América Latina e do Caribe deve reencontrar a própria força como discípulos e missionários, atentos às necessidades de hoje. O próprio Jesus nos abre o caminho de salvação para que sejamos filhos e irmãos uns dos outros (Documento de Aparecida, 2007, n. 137).

A missão não é uma propaganda do cristianismo ou da Igreja, significa compartilhar a experiência com Cristo (Documento de Aparecida, 2007, n. 145), mostrar que o próprio Cristo é caminho universal da salvação (Documento de Aparecida, 2007, n. 151). Na medida em que se conhece e ama a Cristo, se sente a necessidade de compartilhá-lo. A missão é inseparável do discipulado. Sempre presentes na vida do cristão, o encontro com Jesus Cristo, a conversão, o discipulado, a comunhão e a missão caminham juntos (Documento de Aparecida, 2007, n. 278). Seria a experiência salvífica inclusivista com base no cristocentrismo, no encontro com Jesus Cristo como caminho para a salvação universal.

A Igreja não quer ficar apenas voltada para si mesma, *ad intra*, mas estar também presente nas decisões do mundo, *ad extra*. Por esta razão a missão deve estar voltada também para os *novos areópagos² e centros de decisão*. Nessa arena estão o mundo da mídia, dos construtores da paz, dos que lutam pelo desenvolvimento e libertação dos povos, sobretudo das minorias, pela promoção da mulher e das crianças, pela ecologia e proteção da natureza. Incluem também os areópagos da cultura, dos experimentos científicos, das relações internacionais (Documento de Aparecida, 2007, n. 491), sem deixar de lado a pastoral do turismo e do lazer (Documento de Aparecida, 2007, n. 493). Urge formar pensadores e pessoas situadas nos centros de decisão: empresários, políticos, formadores de opinião, dirigentes sindicais (Documento de Aparecida, 2007, n. 492).

Os discípulos missionários são chamados a fazer outros discípulos missionários. A missão universal, sem fronteiras é *ir onde a Igreja ainda não está presente* (Documento de Aparecida, 2007, n. 376). Assim, todas as Igrejas locais têm a mesma missão da Igreja universal, como horizonte constante de todo o trabalho pastoral. Trata-se de envolver pessoas numa prática ética, feita de amor radical gratuito universal, fundamentada na ótica de fé em Deus Pai.

Sua dimensão existencial é a fraternidade, essência da missão. A missão, não é fechada em si mesma, aos adeptos, mas é aberta ao mundo, no envio além-fronteiras. *Aqui descobrimos outra profunda lei da realidade: Que a vida se alcança e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros. Isso é definitivamente a missão* (Documento de Aparecida, 2007, n. 360).

5. A missão e a opção pelos pobres

A Igreja deve dirigir-se aos pobres, por opções e gestos visíveis que busquem mudar sua situação. Trata-se de *um âmbito que caracteriza de modo decisivo a vida cristã, o estilo eclesial e a programação pastoral* (Documento de Aparecida, 2007, n. 394). Assim, a opção preferencial pelos pobres, tradicional no discurso eclesial e teológico da América Latina e Caribe, pede que se dê também atenção aos profissionais católicos responsáveis pelas finanças, pela oferta de empregos, pelos políticos, fornecendo-lhes orientações éticas (Documento de Aparecida, 2007, n. 396). A opção pelos pobres fundamenta-se em Deus mesmo, no ser de Deus, e tem, portanto, natureza *teocêntrica*. Tem como base o Amor-Justiça do Deus bíblico e cristão. Entretanto, com as mudanças eclesiais e da *Teologia da Libertação*³, alguns autores e documentos suavizaram seu discurso sobre a opção pelos pobres, preferindo abandonar a perspectiva do Amor-Justiça, substituindo-a quase completamente pela da *gratuidade* de Deus como fundamento da opção pelos pobres. Felizmente o documento de Aparecida retoma esse conceito teológico que vem desde Medellín e Puebla. Uma missão que implica estar próximo dos pobres para captar seus anseios e seus valores (Documento de Aparecida, 2007, n. 398), dedicando-lhes atenção, tempo, interesse (Documento de Aparecida, 2007, n. 397).

Daí, o apelo por uma renovada pastoral social para a promoção humana integral (Documento de Aparecida, 2007, n. 347-370) bem como a exposição dos rostos sofridos: habitantes de rua, enfermos, drogados, migrantes, presos (Documento de Aparecida, 2007, n. 382-430). Esses rostos ou feições que o documento de Puebla apresenta⁴ e que Aparecida retoma.

6. A missão dos leigos

O DA faz apelo por um laicato missionário que *deve estar na convocação e na formação de leigos missionários* (Documento de Aparecida, 2007, n. 174). Os leigos participam assim da *ação pastoral da Igreja, primeiramente pelo seu testemunho de vida e, em segundo lugar, com ações no campo da evangelização, da vida litúrgica e em outras formas de apostolado* (Documento de Aparecida, 2007, n. 211). Por isso, é necessário gozar de maior espaço, de participação, serem incumbidos de ministérios e de responsabilidades para que possam viver de modo responsável seu compromisso cristão (Documento de Aparecida, 2007, n. 211) A missão é a vocação de todo batizado. O compromisso dos leigos na missão não é devido à falta de sacerdotes ou religiosas. A Conferência de Aparecida diz que a missão decorre da dignidade e da responsabilidade de todos os leigos na missão da Igreja.

O êxodo de fiéis para seitas e outros grupos religiosos; as correntes culturais contrárias a Cristo e a Igreja; a desmotivação de sacerdotes frente ao vasto trabalho pastoral; a escassez de sacerdotes em muitos lugares; a mudança de paradigmas culturais; o fenômeno da globalização e a secularização; os graves problemas de violência, pobreza e injustiça; a crescente cultura da morte que afeta a vida em todas as suas formas. (Documento de Aparecida, 2007, n. 185).

O discurso do Documento de Aparecida observa que os católicos que *deixam a Igreja* não o fazem por motivos doutrinários ou teológicos, mas por razões vivenciais.

Talvez, nos abandonem por estarem buscando sinceramente a Deus (Documento de Aparecida, 2007, n. 225). Dados das diversas fontes de pesquisa mostram que este fenômeno da mobilidade religiosa ocorre em pouco mais de 20% da população e é mais comum entre pessoas de idade média. Não há dúvida que para muitos a Igreja aparece mais em seu aspecto institucional. Eles a vêem como uma entidade pesada, autoritária, moralista, pouco atraente, cheia de normas e obrigações. Também, *são muitos os cristãos que não participam na Eucaristia dominical nem recebem regularmente os sacramentos e nem se inserem na comunidade eclesial* (Documento de Aparecida, 2007, n. 286). Diante desta realidade, os bispos reconhecem:

Nossos fiéis buscam comunidades cristãs, onde sejam acolhidos fraternalmente e se sintam valorizados, visíveis e incluídos eclesialmente. É necessário que nossos fiéis se sintam realmente membros de uma comunidade eclesial e co-responsáveis por seu desenvolvimento. Isto permitirá um maior compromisso e entrega na Igreja e pela Igreja. (Documento de Aparecida, 2007, n. 226 b).

A caducidade do modelo de cristandade emerge também da descrição feita sobre a vida de muitos fiéis, que pouco participam da Eucaristia dominical, não têm uma inserção ativa na comunidade, são inconscientes da dimensão missionária de sua fé, bem como se mostram frágeis e vulneráveis em sua identidade cristã facilitando a mobilidade religiosa. Na época da cristandade, existia a cultura cristã, que fornecia uma visão da realidade e uma ética para toda a sociedade. Hoje, a realidade mudou, a pastoral carece deste pressuposto devido ao advento de uma sociedade pluralista em contínua mudança, cultural e religiosa. Daí, o apelo dos bispos em Aparecida por *uma pastoral decididamente missionária* em substituição da outra *meramente de conservação* (Documento de Aparecida, 2007, n. 370).

O grande desafio de Aparecida é querer que toda a Igreja seja missionária, já que, segundo o discurso do texto, todos os leigos (as) pelo batismo são chamados a serem agentes de pastoral como o são os demais membros da Igreja. Os pastores *estejam dispostos a lhes abrir espaços de participação e a lhes confiar ministérios e responsabilidades* (Documento de Aparecida, 2007, n. 211). Igualmente *devem ser parte ativa e criativa na elaboração e execução de projetos pastorais a favor da comunidade*. O que exige dos pastores *uma mente aberta para acolher o 'ser' e o 'atuar' do leigo na Igreja*⁵ (Documento de Aparecida, 2007, n. 213). Mais especificamente se afirma que nos projetos diocesanos *os leigos devem participar do discernimento, da tomada de decisões, da planificação e da execução* (Documento de Aparecida, 2007, n. 371). Porém, a Igreja como um todo não é missionária e os leigos não poderão agir e participar no processo missionário, se o clero centralizar as decisões e consequentemente o poder.

7. A missão e o diálogo interreligioso

A América Latina é um continente religiosamente plural, que pede com urgência um diálogo entre as religiões para descobrir as diversas manifestações libertadoras de Deus na história e na natureza, a pluralidade de caminhos de salvação, libertação e a pluralidade de respostas da humanidade a essas manifestações. No tempo do pluralismo religioso, não há por que manter o discurso e a idéia de que Jesus é o único caminho de vida e salvação, que leva Deus e que o cristianismo é um *imperativo categórico* universal.

Dentro do novo pluralismo religioso em nosso continente, não se tem diferenciado suficientemente os cristãos que pertencem a outras igrejas ou comunidades eclesiais, tanto por sua doutrina como por suas atitudes, dos que fazem parte da grande diversidade de grupos cristãos (inclusive pseudo-cristãos) que se tem instalado entre nós. Isto porque não é adequado englobar a todos em uma só categoria de análise. Muitas vezes não é fácil o diálogo ecumênico com grupos cristãos que atacam a Igreja Católica com insistência. (Documento de Aparecida, 2007, n. 100g).

É, pois, possível considerar o pluralismo religioso como um desafio positivo, mesmo com o avanço das Igrejas pentecostais, embora haja dificuldades de diálogo com algumas Igrejas e religiões. Também é possível reconhecer que as religiões podem exercer uma determinada função na salvação, enquanto são portadoras da presença escondida do mistério de Cristo, do qual a Igreja visível não possui monopólio. Em outras palavras: se os membros das outras religiões ou igrejas se salvam não é apesar de sua pertença a tal ou qual tradição religiosa. Por isso, é necessário intensificar o ecumenismo entre as Igrejas, embora não seja fácil com grupos religiosos que atacam a Igreja Católica e o diálogo interreligioso. Infelizmente, não é com a mesma intensidade que em todas as Igrejas e religiões têm-se desenvolvido o diálogo ecumênico e interreligioso. O diálogo interreligioso enriquece os participantes em seus diversos encontros. Por este motivo, em vários lugares, têm-se criado escolas de ecumenismo ou de colaboração ecumênica em assuntos sociais e outras iniciativas (Documento de Aparecida, 2007, n. 99g).

A compreensão e a prática da eclesiologia de comunhão nos conduzem ao diálogo ecumênico. A relação com os irmãos e irmãs batizados de outras Igrejas e comunidades eclesiais⁶ é um caminho irrenunciável para o discípulo e missionário (Documento de Aparecida, 2007, n. 227).

O ecumenismo não se justifica por uma exigência simplesmente sociológica, mas evangélica, trinitária e batismal; *expressa a comunhão real, ainda que imperfeita* que já existe entre *os que foram regenerados pelo batismo*. O Magistério insiste no caráter Trinitário e batismal do esforço ecumênico, onde o diálogo emerge como atitude espiritual e prática, em um caminho de conversão e reconciliação. Só assim chegará *o dia em poderemos celebrar, junto com todos os que crêem em Cristo, a divina Eucaristia*. Uma via fecunda para avançar para a comunhão é recuperar em nossas comunidades o sentido do compromisso do Batismo. (Documento de Aparecida, 2007, n. 228). Há casos em que é possível apenas o ecumenismo espiritual através de momentos de oração juntos com irmãos batizados (Documento de Aparecida, 2007, n.230). A partir da experiência de oração, vem se desenvolvendo a espiritualidade ecumênica de cooperação a favor da vida, da justiça, dos direitos do homem e da paz.

Os bispos reunidos em Aparecida fazem observam que *onde se estabelece o diálogo, diminui o proselitismo, cresce o conhecimento recíproco e o respeito e se abrem possibilidades de testemunho comum* (Documento de Aparecida, 2007, n. 233). O ecumenismo não é estratégia perante o pentecostalismo; tampouco significa proselitismo, nem relativismo da própria fé, logo, não tem como finalidade a diminuição do proselitismo por parte das Igrejas Evangélicas pentecostais. Embora isso aconteça, trata-se de uma tentativa de aproximação entre Cristãos que professam a mesma fé em Jesus Cristo, de crescer no conhecimento recíproco e no respeito abrindo possibilidades de testemunho comum.

O diálogo interreligioso acontece especialmente com as religiões monoteístas (Documento de Aparecida, 2007, n. 237) formadas pelo judaísmo, pelo islamismo e pelo cristianismo.

Dentro do cristianismo, há reconhecimento e gratidão ao povo judeu, que nos une na fé no único Deus e sua palavra revelada no Antigo Testamento. *São muitas as causas comuns que na atualidade exigem maior colaboração e respeito mútuo* (Documento de Aparecida, 2007, n. 235). Apesar dos desencontros, os judeus são considerados irmãos na fé bíblica.

Não devemos confundir o discurso do ecumenismo com o do diálogo interreligioso, o que tem causado obstáculos na conquista de maiores frutos no diálogo ecumênico (Documento de Aparecida, 2007, n. 232). O ecumenismo é o diálogo que acontece entre cristãos de diversas Igrejas e denominações que professam a mesma fé. O diálogo interreligioso se dá entre religiões e crenças diferentes, no qual as religiões devem se encontrar num plano de igualdade para *explicitar e promover a salvação já operante no mundo* (Documento de Aparecida, 2007, n. 236). O diálogo, não se realiza na problemática exclusivamente religiosa, mas assume a sua co-responsabilidade na resposta aos problemas da humanidade como *a colaboração para o bem comum, supere a violência, eduque para a paz e para a convivência cidadã* (Documento de Aparecida, 2007, n. 239). Neste mesmo nível se dá o diálogo na América Latina entre cultura negra e fé cristã com suas lutas pela justiça social (Documento de Aparecida, 2007, n. 533).

O diálogo interreligioso aparece como inclusivista, pois para os bispos, diálogo *não significa que se deixe de anunciar a Boa Nova de Jesus Cristo aos povos não cristãos, mas com mansidão e respeito por suas convicções religiosas* (Documento de Aparecida, 2007, n. 238). Acreditamos que o diálogo não pode ser uma forma de proselitismo; não se trata de uma competição por mais adeptos. Trata-se de encontrar pontos em comum entre os cristãos com as outras religiões e crenças sem pretender fazer nenhum tipo de proselitismo. O Cristianismo e o Islamismo são as principais religiões que enfatizam o desejo de conversão ou proselitismo.

O budismo promoveu a conversão no passado e ainda exhibe níveis modestos de atividade missionária. O judaísmo dificilmente permite a conversão de novos adeptos, embora a admita, não a encoraja.

Em época de pluralismo religioso, as diferentes ofertas, muitas vezes dividem as pessoas, põe em crise a fé ao lado de outras. A pessoa se encontra desorientada por tantas ofertas, que vaga de religião em religião, de Igreja em Igreja ou criam um sincretismo religioso próprio. Muitos católicos estão nessa situação frente a essa mudança cultural e religiosa. *Compete à Igreja denunciar* (Documento de Aparecida, 2007, n. 480). Atualmente, as religiões e as igrejas deveriam se preocupar menos com a dinâmica proselitista, estar mais atentas com a conversão em favor de um trabalho comum na luta contra os sofrimentos que abalam os seres humanos.

O projeto de Igreja, que aparece dentro dos textos de Aparecida sobre o pluralismo religioso, é de uma Igreja libertadora *ad-extra*, embora, ainda desperte resistência e desconforto, pois questiona as interpretações que se pretendem únicas e exclusivas da Igreja Católica nos diferentes países do Continente Latino Americano, sobretudo diante do avanço do pentecostalismo. A realidade do pluralismo convoca os cristãos a acolher o valor e o direito à diferença, bem como a honrar a singularidade e especificidade das outras tradições religiosas e denominações cristãs. Pluralismo que desafia a inculturação e o diálogo inter-religioso com as religiões presentes no Continente, em especial com as culturas afro-americanas e indígenas.

8. Considerações finais

Vivemos em uma realidade pluralista no paradigma da pós-modernidade. Esse pluralismo se manifesta através da diversidade de Igrejas e religiões presentes na sociedade, sobretudo de cunho pentecostal.

O continente Latino Americano é hoje fortemente marcado por este pluralismo religioso que possibilita a escolha da própria crença. Este pluralismo acentuou-se muito nos últimos anos, tanto no plano quantitativo quanto na variedade das formas. Assim, o documento de Aparecida está marcado por esta realidade, tomando um posicionamento fortemente missionário.

Os textos analisados apresentam os alicerces para um projeto de Igreja missionária e libertadora cristocêntrica que pensa a paróquia como rede de comunidades, não apenas como espaço burocrático e administrativo, mas sobre tudo lugar vivencial da fé e da missão. Busca-se dentro deste projeto uma nova configuração, passando da centralidade eclesial para uma relação entre as comunidades com suas diferentes atividades. O objetivo principal do documento é fazer com que toda a Igreja seja missionária no sentido cristocêntrico, isto é, discípulos missionários. A Igreja é essencialmente missionária desde seus primórdios. A preocupação missionária da Igreja não deve ser apenas um tema estratégico em torno de preocupações estatísticas dos últimos anos causado pelo avanço do pentecostalismo e do pluralismo religioso, mas a alma e a essência de toda atividade eclesial.

A V Conferência de Aparecida (2007) volta à temática do ecumenismo e do diálogo interreligioso, com ênfase na realidade, convida para o trabalho comum em favor da justiça e da solidariedade, frente à exclusão e marginalização que afetam grandes majorias da população no Continente. Apresenta a missão permanente vendo como necessária a realização de uma missão constante com a colaboração dos agentes de pastoral. Uma missão que não tem data para o encerramento e que vai além fronteiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRIGHENTI, Agenor (2007). Documento de Aparecida. O contexto do texto. *REB. Aparecida: impulso a missão*. Petrópolis: Vozes n. 67. Fascículo 268. Outubro 2007, pp. 772-800.

CELAM. (2007) *Documento de Aparecida, Texto conclusivo da V Conferência do Episcopado latino-americano e do Caribe*. São Paulo: CNBB, Paulus, Paulinas.

_____. (1986) *Documento de Puebla, III Conferência*. La Evangelización en el presente y en el futuro de América Latina. México: Librería Parroquial.

JOÃO PAULO II (1987), *'Christifideles Laici'* São Paulo: Paulinas, 1988.

LIBÂNIO, João Batista. (1999) *Cenários da Igreja*. São Paulo: Loyola.

_____. (1987). *Teologia da Libertação*. Roteiro didático para um estudo. São Paulo: Loyola.

MIRANDA, Mário de França (2007). *Eclesiologia de Aparecida*. *REB. Aparecida: impulso à missão*. Vol. 67, Nº 268: Petrópolis: Vozes, Outubro 2007, pp. 843-864.

TEIXEIRA, Faustino (1999) *A teologia do pluralismo religiosa em questão*. *REB*. Petrópolis: Vozes. n. 59, Fascículo 235. Dezembro de 1999, pp. 591-617.

VIRGIL, José Maria (2006) *Teologia do pluralismo Religioso: para uma releitura do Cristianismo*. São Paulo: Paulos.

SITES

<http://www.adital.org.br/site/noticia.asp> acesso 22 de janeiro de 1009.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/> acesso 03 de março de 2009.

NOTAS:

* Missionário Xaveriano, mestre em Ciências da Religião pela PUC-SP e doutorando em Ciências Sociais pela PUC-SP. rafamx@uol.com.br.

¹ A missão continental foi lançada oficialmente no encerramento do Congresso missionário CAM 3 (Congresso Americano Missionário), COMLA 8, (Congresso Missionário Latino americano) realizado em Quito, Equador, de 12 a 17 de agosto cujo tema é: "A Igreja em discipulado missionário", e o lema é: "América com Cristo: escuta, aprende e anuncia". <http://www.adital.org.br/site/noticia.asp> Acesso 31.12.08.

² O nome "areópago" é a adaptação de *areopagus* (ou *Areios Pagos*, de " "Ἀρειος πάγος"), que significa algo como "Colina de Ares", em referência ao deus da guerra grego. Tal referência se deve ao fato de os membros do Areópagos, por serem aristocratas, cumprirem em geral a função de guerreiros de elite em tempos bélicos, responsáveis pela proteção da cidade. Era também o conselho burocrático da aristocracia de Atenas pelo qual passaram as decisões. <http://pt.wikipedia.org/wiki/> Acesso 03.01.09.

³ A Teologia da Libertação foi desenvolvida após o Concílio Vaticano II. Ela dá grande ênfase à situação social humana. O teólogo peruano Gustavo Gutiérrez é um dos mais influentes proponentes dessa teologia. Destaca-se também o brasileiro Leonardo Boff. Esta concepção teológica surgiu na década de 1970, quando se espalhou de forma especial na América Latina, a partir das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Para aprofundar o tema: Cf. Libânio, J. B. *Teologia da Libertação. Roteiro didático para um estudo*. São Paulo: Loyola, 1987.

⁴ Esta situação de extrema pobreza generalizada adquire, na vida real, feições concretíssimas, nas quais deveríamos reconhecer as feições sofredoras de Cristo, o Senhor (que nos questiona e interpela): - feições de crianças, golpeadas pela pobreza, ainda antes de nascer, impedidas que estão de realizar-se, por causa de deficiências mentais e corporais irreparáveis, que as acompanharão por toda a vida; crianças abandonadas e muitas vezes exploradas de nossas cidades, resultado da pobreza e da desorganização moral da família;

- feições de jovens, desorientados por não encontrarem seu lugar na sociedade e frustrados, sobretudo nas zonas rurais e urbanas marginalizadas, por falta de oportunidades de capacitação e de ocupação;
- feições de indígenas e, com frequência, também de afro-americanos, que, vivendo segregados e em situações desumanas, podem ser considerados como os mais pobres dentre os pobres.
- feições de camponeses, que como grupo social, vivem relegados em quase todo o nosso continente, sem terra, em situação de dependência interna e externa, submetidos a sistemas de comércio que os enganam e os exploram;
- feições de operários, com frequência mal remunerada, que têm dificuldade de se organizar e defender os próprios direitos;
- feições de subempregados e desempregados, despedidos pelas duras exigências das crises econômicas e, muitas vezes, de modelos desenvolvimentistas que submetem os trabalhadores e suas famílias a frios cálculos econômicos;
- feições de marginalizados e amontoados das nossas cidades, sofrendo o duplo impacto da carência dos bens materiais e da ostentação da riqueza de outros setores sociais;
- feições de anciãos cada dia mais numerosos, freqüentemente postos à margem da sociedade do progresso, que prescindem das pessoas que não produzem (Documento de Aparecida, 1987, pp. 31-39).

⁵ Para aprofundar o tema da missão dos Leigos na Igreja Católica, estudar a Exortação Apostólica de JOÃO PAULO II, '*Christifideles Laici*' de 1987. São Paulo: Paulinas, 1988.

⁶ As determinações sobre a validade do batismo em outras Igrejas estão no código de Direito Canônico, cânone 869.